

OS FLUXOS DE NATAL

Josimey Costa¹

Natal, como eu e como tantas outras cidades, tem um princípio organizador que a unifica, que a distingue sempre entre tantas configurações possíveis de si mesma. Mas Natal é também as muitas diferentes visões de quem, como eu, a olha e vê as cidades que se superpõem dentro dos seus limites urbanos.

Assim, eu tenho visto o tempo coagulado enquanto flui. Absorvo os muitos discursos da cidade sobre si mesma enquanto construo, nela, o meu. Neste discurso, ao mesmo tempo meu e do todo, utilizo-me de imagens, metáforas. Começo por uma investigação lírico-geo-históriográfica de Natal. A cidade é uma pequena porção de terra de 167,9 km² de extensão cercada por águas de várias salinidades em quase todos os seus lados. A leste, o Oceano Atlântico. Nos outros pontos, a intervalos irregulares e dividindo sua posse com Parnamirim, Macaíba e São Gonçalo do Amarante, lagoas, riachos, córregos, açudes e poças de lama produzidas tanto pela natureza como por uma ocupação humana não saneada.

A África está próxima, pois Natal é a *avant garde* do continente sul-americano, cidade que avança sobre o oceano e puxa o Rio Grande do Norte, no Nordeste do Brasil, em direção a Dakar. É porto tão acessível quanto devassável, e isso em mais de um sentido.

O começo foi a água. O rio Potengi, grande. A cidade era também Alta. A Ribeira. O Forte dos Reis Magos antecipando as Rocas. O Alecrim, contraponto com os dois outros bairros do princípio. A cidade espalhou-se com a chegada de migrantes do interior norte-rio-grandense, repleto, como a capital recém-nascida já cidade, de descendentes dos índios *potiguara*, comedores de camarão, dos franceses, dos portugueses, dos holandeses, que fundaram a Nova Amsterdã, e dos africanos negros. Quase todos estrangeiros.

Os homens vestiam linho branco, chapéu de palhinha. As mulheres viviam as diferentes modas. Seguindo o rio Potengi, o Alecrim começou pelo cemitério. Ao sul, a cidade morria mal acabava a Cidade Nova ou Cidade das Lágrimas, que depois seriam Petrópolis e Tirol, onde ficavam as poucas residências das famílias ricas. Dali, rasgando a mata, expulsando a areia, uma única tira de asfalto muito longa e isolada de toda urbanidade ligava a cidade liliputiana a uma terra estrangeira: *Parnamirim Field*. Margens do Rio Grande, que se revelou pequeno, posse holandesa, cemitério dos ingleses, cidade-presépio, cidade-do-sol, Barreira do Inferno, cidade-espacial, militares e quartéis, esquina do continente, cidade de natalenses quase todos estrangeiros, caldo ralo de cultura e arte, pátria da identidade-interrogação.

Não por acaso as palavras do parágrafo anterior - que são expressão de imagens mentais e, ao mesmo tempo, formadoras dessas imagens - fazem parte do vocabulário dos natalenses e podem ser encontradas em produções culturais diversas, como a publicidade e a literatura. Tanto quanto outras expressões do imaginário natalense, elas formam a cosmologia imaginal da cidade. Essa cosmologia transborda focos de sentido marcados pela estrangeiridade e pela antecipação cultural em Natal. Não, há, no entanto, natureza normativa explícita nessa mundo-visão. Há, sim, ainda hoje, um conjunto de valores culturais que impregnam o cotidiano natalense, tanto quanto as subjetividades historicizadas dos habitantes da cidade.

¹ Jornalista, professora de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e doutoranda em Ciências Sociais pela PUC/SP.

Tentando entender esse presente, olho para trás. Vejo que o legado cultural dos americanos fez e faz parte da cultura natalense. Investigo a experiência de Natal na Segunda Guerra mapeada na geografia mental das memórias, tanto quanto nas expressões imagéticas contemporâneas da cultura local. Busco saber se há pontos de aproximação entre os fragmentos do passado e do presente natalense, que possam contribuir para um melhor entendimento do que é a cidade hoje, de como a concebem os natalenses e de que meios se utilizam para dela falarem.

A imagem é responsável pela mobilização de sentimentos, memórias e aspectos da experiência ao mesmo tempo singulares e coletivos. Nesse sentido, comporta múltiplas significações. O imaginário é o cerne da autonomia e da recuperação da dimensão humana porque a imagem é religante (por contágio emocional e por recurso a múltiplos simbolismos) e são constantes os retornos regulares da cultura às idéias imaginais. O sonho, terreno do imaginário, é indissociável do pensamento e do questionamento dos poderes. Sonhar é essencial para todos os animais de sangue quente, embora somente os homens sonhem acordados. E esse é o sonho só existe porque há uma parte dele mesmo que nunca se convence.

Por isso, é preciso sondar as imagens produzidas pelos natalenses durante e sobre a presença norte-americana na cidade, como decorrência da participação do Brasil na Segunda Guerra, imagens essas que emergem hoje nos veículos de comunicação de massa, nos produtos locais da Indústria Cultural, na paisagem urbana e nas memórias dos natalenses entrevistados para esta pesquisa.

Percebo que as imagens emblemáticas da guerra, na forma como ela foi vivida e reconstruída em Natal, interferiram vivamente, embora nem sempre conscientemente, na formação de uma imagem mental identitária da cidade. Uso o termo *emblemático* no sentido do que se afirma como uma referência forte, primordial, aquilo que representa uma abstração carregada de valor simbólico. Uma pequena brecha representada por um desvio inovador no fluxo dos acontecimentos é capaz de gerar as condições iniciais e indispensáveis para qualquer transformação, mesmo a mais profunda.

Os sinais se espalham pela cidade, imperceptíveis para o olhar já acostumado com a paisagem, assim como a fachada de prédios mais altos são invisíveis para quem se acostumou a andar nas ruas esquadrinhando apenas o terreno adiante dos seus passos para chegar mais depressa.

Para compreender Natal, há que se ouvir as muitas vozes que compõem a musicalidade da cidade. Olhar de forma estrangeira o que é familiar, e tentar encontrar familiaridade no que se apresenta como estranho: essa é a premissa para que eu ou você possamos *narrar* Natal, descrevê-la e interpretá-la.